

NOTAS DA QUINZENA

■ Os Pobres clamam. O clamor vai da Terra ao Céu. Em tantos pontos do Globo, um clamor silencioso que ninguém ouve.

Não há muito, o Presidente duma nação africana — onde há fome e nudez — deu no seu palacete e quinta um grande banquete a que ilustres portugueses assistiram felizes, descomprometidos e prontos a todos os abraços. Se os nossos ilustres responsáveis não tivessem conhecimento dessa fome e nudez, seria mau; se têm, muito pior.

O mesmo recado para algumas Edilidades que gastam fortunas em banquetes e festejos; e, depois, «para inglês ver», mandam um camião de comida para a Etiópia.

Não é assim!

O clamor dos Pobres chega sempre a Deus e Ele fará Justiça. Nem sempre vemos e compreendemos essa Justiça... Sabemos, pela fé, que Ele acolhe o clamor dos Simples.

■ Porém, muito grave e uma das causas da falta de pão, é, neste momento, a fuga quase generalizada ao trabalho.

Há tempos, um amigo lembrou-me ir a Trás-os-Montes no Abril para ver o espectáculo das montanhas floridas.

— Floridas de quê? — perguntei.

— De giestas em flor...

Onde, não há muito, eram searas verdes! Perdeu-se o gosto pelo trabalho e o verdadeiro sabor do pão...!

Tantas quintas igualmente abandonadas no Minho! Não conheço o Algarve. Dizem-me que é pior. E o cúmulo é que o estamos vendendo...!

Surgiu esta nota da observação dum visitante ao ver os



Os Pobres clamam. O clamor vai da Terra ao Céu...

nossos mais pequenos a varrer as ruas da nossa Aldeia: «O que eles precisavam era de férias...»

Tiveram as férias na praia, na hora delas. Têm o seu trabalho no tempo do mesmo.

Que pena me dá de tantos filhos que não aprendem a varrer, a lavar o que sujam, a tratar das suas coisas e a plantar uma couve!

O estender a mão e o dar comida para um só dia pouco vale.

Vermos a sério se há braços, sementes e terra. De braços caídos, sementes apodrecendo nos armazéns e terra a dar capim — não há canções que nos salvem.

«Quem não trabuca não man-

duca» — diz o povo. Mas também ele perdeu o sentido desta força, pois, vemos tantos pais darem o almoço aos meninos — filhos que toda a manhã preguiçaram enquanto eles cavaram o milho.

Só um regresso aos valores morais, ao trabalho, ao valor e reconhecimento da autoridade e ao verdadeiro conceito de liberdade.

Donde te escrevo, vejo os nossos mais pequeninos na tal tarefa da limpeza da nossa Aldeia. Sabem que é deles este trabalho quotidiano — de que vão tomando consciência; fonte de alegria, e, todos os dias, semente do seu pão.

Padre Telmo



Os mais pequeninos, os «Batatinhas», na tarefa da limpeza da nossa Aldeia. Fonte de alegria e, todos os dias, semente do seu pão.

AQUI LISBOA!

«O direito a férias não se discute. São legítimas, justas e necessárias. Quem trabalha um ano inteiro precisa de alguns dias de repouso reconstituente, para recomeçar novas lutas, em novos trabalhos.» (Pai Américo)

Estamos em pleno Verão, época em que a maioria das pessoas goza as suas férias. Daí que tenhamos as praias e os centros de atracção turística a abarrotar de gente e a avaliar pelas aparências, sem indícios da tão propalada crise. Entretanto, a maioria da população não pode sair de casa, a não ser em fugas esporádicas, nomeadamente no sector agrícola e nas camadas médias da população, sem falar já nos menos protegidos. Vale a alguns, oriundos da província, as residências de familiares ou uma casita que por lá possam ter, herdada dos ancestrais ou construída em bom tempo.

Se é certo que o direito a férias não se discute e que elas «são legítimas, justas e necessárias», fácil é concluir que o grosso da população as não tem, quer por dificuldades económicas quer pela índole dos trabalhos em que se ocupa, às vezes os mais árduos e difíceis, a exigir alguns dias de repouso

reconstituente. Sucede até, que, não raro, são aqueles que menos fazem ao longo do ano a usufruir desse direito (?), enquanto outros, para sobreviver, têm mesmo de trabalhar.

Lamentavelmente, em muitos casos, se não na maioria, quem goza férias não repousa nem se reconstitui, «para recomeçar novas lutas, em novos trabalhos». Antes dissipa energias, acabando por ficar mais fatigado, de quando as iniciou. Física, psíquica e moralmente as férias são para muitos um período desgastante, empobrecedor da alma e do corpo, frustrando os seus objectivos primários.

Infelizmente, porque não dizê-lo?, as férias são também a ocasião para ostentações do mais variado tipo, delapidando valores, que, numa recta visão, por supérfluos, bem poderiam ser encaminhados para os mais necessitados. «Sede justos, sóbrios e amigos dos que sofrem. Menos comer, menos vestir, menos pintar, que aquilo que Deus dá chega para todos — e é para todos.» São palavras de Pai Américo, precisamente a propósito das épocas de veraneio.

Que os cristãos, ao menos, saibam cumprir os seus deveres, não esquecendo o seu Senhor, que deve estar presente em todos os momentos e gestos da vida. Que repousem, efectivamente, retemperando a alma e o corpo, «para recomeçar novas lutas, em novos trabalhos».

◆ Começaram a chegar-nos donativos para a Capela. Bem hajam! De todos, porém, seja-nos lícito destacar a oferta dos serviços de Engenharia feita por empresa especializada, dirigida por um ex-Colega e Amigo de velha data, precisamente no dia em que comemorámos o 29.º aniversário da morte de Pai Américo. Mera coincidência, dirão. Certamente. Mas coincidência curiosa, acrescentaremos nós.

Padre Luiz

Associações dos Antigos Gaiatos

Centro

Não se apagaram ainda os ecos da nossa festa de 9 de Junho na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, e algumas coisas ficaram por dizer.

Além do que foi dito na notícia anterior, verificou-se em muitos uma alegria desmedida e algum espanto, sobretudo daqueles mais afastados daquilo que é hoje a «sua» Casa do Gaiato, alguns dos quais não

Agora resta agarrarmo-nos a isto com mais força de vontade e mostrarmos interesse, claro! Só assim poderemos rendibilizar a nossa formação profissional.

Adelino

Como devem saber estamos a construir uma tipografia, na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Gosto muito da minha arte: paginar livros ou jornais, em películas, e montagem das páginas para uma película grande com vista ao transporte para a chapa, que é lavada com um pó que desengordura; depois vai para a formilha — uma máquina que tem de estar a 380° — e é queimada a 225°, durante 5 minutos.

Henrique

Sou um dos que irei trabalhar para a nossa oficina de artes gráficas cujo edifício já começou a ser construído e ficará pronto no fim das férias grandes.

Sou um aprendiz de impressor, e, de vez em quando, vou mexendo na máquina...

Espero que os senhores leitores venham fazer uma visita, quando a nossa tipografia estiver pronta, com as máquinas em funcionamento.

António Manuel («Toninho»)

Resolvi deixar de frequentar o 11.º ano do Curso Unificado para aprender artes gráficas.

Já aprendi várias coisas, particularmente sobre a máquina que me caberá. Estou na secção *offset* e nela há vários modelos de máquinas.

Lidar com algumas é muito difícil. Requerem muita atenção porque é necessário preparar as folhas que vão ser impressas, até à lavagem das máquinas. Mas não é só isso. Há mais trabalho: Uns, chatos; outros, agradáveis. Mas é preciso fazê-los todos e procurar fazê-los bem e de boa vontade.

As artes gráficas, para mim, são um trabalho interessante. Gosto de aprender na Gráfica de Coimbra. Sinto-me bem ao lado do pessoal que lá trabalha. Qualquer pessoa que lá entre, sente logo a camaradagem que reina entre o pessoal. Quando isso acontece, é bom sinal. Há um ditado que diz: «O bom fruto sai donde há um bom entendimento». É isso mesmo que acontece na Gráfica de Coimbra; por isso, ela é — no seu ramo — uma das melhores empresas do País.

Estamos entregues em boas mãos para sermos uns bons artistas!

António Henrique («Andorinha»)

tinham ali voltado depois de 20, 30 ou 40 anos. E para falar só dos mais antigos, vimos, entre outros: o «Machicho», o «Zé Mau», o Zé Maria Baltasar, o Joaquim Passarinha, o «Pião», o Silva Santos, o Vitor grande e o pequeno, o Carlos «Chinês», o «Pinguinho», o «Joaninha» e seu irmão António Costa, etc.

Sobre o almoço que foi servido a cerca de 400 barrigas, não faltaram a alface, o tomate, o pão, as azeitonas e as batatas da Casa. Estas, cozidas com pele, mataram muitas saudades. Uma «boca» que o cronista ouviu: — ... Eh pá, desde a tropa que não via tacho tão grande!...

Gaiatos de hoje e de ontem — estes, mais de 70 — trouxeram as suas famílias, genros e sogros, noras e netos; e também vieram Amigos da Obra, como o nosso Padre Manuel Gonçalves. Todos confraternizámos e nos servimos da mesma mesa.

Na Missa, em que se recordaram colegas e superiores falecidos, nomeando-os um por um, procedeu-se à colecta a favor da nossa Casa que rendeu cerca de 14 mil escudos.

Na sessão solene agradecemos a colaboração, durante muitos anos, das senhoras do Lar de Coimbra e de Miranda do Corvo, e marcámos o acto com a oferta de duas placas gravadas e um ramo de flores a cada uma, entregues pelos chefes de cada Casa e por um membro da nossa Associação. Foi um momento alto que as apanhou de surpresa e encheu-lhes a alma.

Mas o dia não tinha findado. Faltava o indispensável jogo de futebol. Árbitro: o «Castanheira»; fiscais de linha: o João Martelo e o «Faz-me Rir». «Velhinhos» de um lado, actuais do outro, renhida foi a partida: empate a 4 bolas no fim do tempo regulamentar. «Velhinhos» a dispensarem o prolongamento e tudo a abreviar-se através de grandes penalidades. Vitória para os mais novos que arrecadaram alegremente a «Taça Amizade» oferecida pela nossa Associação e nós contentámo-nos com a «Taça Ourivesaria Costa», gentilmente oferecida por este estabelecimento de Coimbra.

Paralelamente aos momentos maiores realizaram-se outras actividades, mais de carácter organizativo:

A cobrança de quotas de 65 associados (alguns já tinham pago), de 52 assinaturas de O GAIATO, a venda de galhardetes alusivos à Associação, tudo isto movimentando uma verba aproximada de 50 mil escudos.

A recolha de ofertas em géneros — para alguns mais necessitados — foi um êxito e registámos cerca de 100 quilos de artigos que foram distribuídos e bem aceites.

Não queremos deixar de agradecer a sardinha que veio da Figueira da Foz, pela mão dos nossos, bem como o porco — do qual saíram as febras — oferecido pelo Varela e «Faz-me Rir».

A terminar, apenas mais uma informação: A Associação conta, neste momento, 143 sócios, incluindo alguns em Espanha, França e Brasil. Outros que venham, pois a porta está aberta. Próximos que estamos do 1.º Centenário do nascimento de Pai Américo, seremos mais uma afirmação da perenidade da Obra da Rua, nascida aqui mesmo, em Miranda do Corvo, há já 45 anos.

Aproveitamos para anunciar já um possível Encontro-Convívio (sem programa) na Senhora da Piedade (Miranda do Corvo), provavelmente para 15 de Setembro, mas a seu tempo daremos pormenores certos da iniciativa.

Chico Zé

Sul

«O que define um gaiato é o ser cristão, pois não foi por acaso que Pai Américo chamou às nossas comunidades santuário de almas» — afirmou o Padre Acílio na homilia da Missa do nosso Encontro.

Realizou-se, no passado dia 7 de Julho, o nosso 6.º Encontro anual e, se é verdade que todos sentimos uma imensa alegria pelo grande número de antigos gaiatos que compareceram, alguns a primeira vez, também é verdade, a nossa mágoa pelos muitos que faltaram à chamada. A estes, quero mais uma vez afirmar que os nossos Encontros têm feito renascer vigorosa alegria e grande fami-

Retalhos de vida

David

«Madalena»



Sou o David António Nogueira Pinto. Nasci em 1971, na Madalena (Vila Nova de Gaia). Entre os meus companheiros sou conhecido assim, por David «Madalena».

Vim para a Casa do Gaiato, em Paço de Sousa, onde estou muito satisfeito, porque na minha casa éramos nove pessoas... Os meus pais não me podiam lá ter...

Ando, agora, no 2.º ano, 1.ª fase, do Ensino Básico; e, quando for maior, vou escolher a arte de carpinteiro.

David Pinto (David «Madalena»)

liaridade entre todos; e lembramos, pelo menos, o que nós éramos, o que nós somos agora e o que podemos fazer por estes nossos irmãos gaiatos, com a nossa presença e o nosso exemplo, dando-lhes a doutrina da vida que todos já experimentámos, ajudando-os a compreender e a aceitar os problemas próprios de uma família como a nossa, mostrando-lhes, afinal, como foi salutar a experiência por que todos passámos.

É esta obrigação que todos temos; afinal, tão pequena para quem tanto recebeu!

O programa, salvo alguns atrasos compreensíveis pela ânsia de convívio e notícias mútuas que todos sentíamos, decorreu conforme foi anunciado no O GAIATO de 22/6/85.

Foram eleitos para o pró-

ximo ano os órgãos sociais da Associação, fazendo parte dos mesmos os seguintes elementos: Américo Correia, Analídio, António Henriques, Crisanto, Daniel, Domingos Barbosa, Joaquim Vilhena, José Moreira, Manuel Leitão, «Melo» e Vieira.

Queremos agradecer a presença do sr. Padre Horácio (sr. Padre Luiz, por imprevisto de última hora, não pôde estar presente) e dos representantes das Associações de Lisboa e de Miranda do Corvo.

Para a nossa Casa do Gaiato de Setúbal — na pessoa do sr. Padre Acílio que mais uma vez nos abriu as portas e tornou possível a realização deste Encontro — o nosso sincero obrigado e um abraço amigo.

Crisanto

Do que nós necessitamos

Um casal jovem — que veio entregar um envelope com parte do seu primeiro ordenado — disse-nos do desgosto que sentiu por andarem a pedir nas ruas do Porto em nome da nossa Obra. Eles conhecem-nos e não caíram. Sugerimos que telefonassem à Polícia Judiciária a ver se o montante de denúncias motiva a P. J. a actuar com mais eficácia. Se a Polícia é para manter a ordem e defender o Povo, que dizer da defesa das crianças abandonadas e mais carecidas, pois a Obra é delas e para elas? Desta vez é um senhor de idade que espera numa carrinha, enquanto um pequeno vai a pedir! Também costumam vender bilhetes para a festa do Coliseu e cobrar assinaturas d'O GAIATO...! Como já temos dito e redito, nós não procedemos desta maneira.

Outro casal, de meia idade, deixou-nos as suas economias e pediu para ir à Capela agradecer a oportunidade que o Mestre da Vida lhes dá para nos poderem ajudar.

Outro casal, emigrante em França, que todos os anos faz aqui paragem nas suas férias, deixou 6.000\$ em notas do Banco de Portugal e duas novas assinaturas para as meninas Bernardina e Sandrina, residentes em Le Meé-S. Seine. Mas também nos têm chegado notas da Alemanha, África do Sul, Brasil, etc.

Excursão da Catequese, a cargo do nosso Padre Abraão, 12.190\$. Foi uma aula de Catequese ao vivo. Não houve farnéis nem guloseimas. Almoçaram do nosso caldinho e mais nada! Um grupo de Vera Cruz, Aveiro, também trouxe os seus contributos. Cada classe de Catequese com o seu mealheiro, totalizando 32.929\$50. Um amigo, 200\$; uma Ermelinda, 300\$; no Espelho da Moda, «de uma mãe para uma mãe necessitada», duas notas de mil; mais vinte iguais de um senhor Padre do Hospital do Terço; mais dois mil de uma Cândida e mais 100\$; quinhentos de Maria Amélia; outra nota igual e no mesmo local,

de Margarida Fernandes; a mesma coisa de Floripes e a terça parte de Carminda; a mesma quantia de Marinho Sousa; 1.200\$ da Rua Miguel Bombarda, da Nobre Cidade; Paulo Ferreira, uma nota de S. Pedro e cinco vezes mais de um anónimo. Outro tanto, de outro anónimo; 500\$, mais 1.000\$, mais 200\$ e mais 5.000\$ para o Calvário. Ainda para os nossos Doentes, de Rio Tinto, 10.000\$ e quantidade igualzinha para nós. Na Rua dos Clérigos, 54, José, Clara e Flores, 120\$; novamente 10.000\$ para dividirmos pelos nossos do Calvário e mais metade de Palmira para o mesmo fim; mais 1.000\$, mais 200\$, outra vez mil, mais 500\$, mais 2.000\$.

Senhora das Rosas — tradição já muito antiga de quem cultiva flores — vende-as e envia o produto do seu trabalho: 10.000\$. Também, de V. N. de Gaia, um anónimo com 2.500\$. Pedindo uma oração por alma

Cont. da 4.ª pág.

